

Como...gerar mensagens acessíveis aos agricultores para materiais de extensão rural de MIFS através de *write-shops*

O Africa Soil Health Consortium (ASHC) tem vindo a aperfeiçoar a sua abordagem para a produção de material de extensão rural contendo informação acessível aos agricultores segundo a metodologia do “write-shop”, tendo esta abordagem sido desenvolvida num projecto piloto realizado por todo o Gana. Esta abordagem ajudou o ASHC a desenvolver uma série de exercícios para ajudar os técnicos na geração de mensagens de extensão rural.

Esta abordagem baseada no “write-shop” é um processo intuitivo, pensada de forma a facilitar a produção de materiais com informação acessível ao agricultores, para disseminar pelos vários meios de comunicação.

Quem deverá participar no write-shop?

A abordagem do ASHC baseia-se na conjugação de competências de diferentes disciplinas. Uma boa mistura de competências deverá incluir:

- Investigadores e/profissionais de extensão rural com um conhecimento detalhado da tecnologia de MIFS desde a sua implementação até à expansão tecnológica.
- Profissionais de extensão rural/ONG's/agro-comerciantes com um bom nível de conhecimento das práticas agrícolas e culturais actuais.
- Agricultores e representantes de associações de agricultores.
- Especialista em comunicações para moldar o formato dos conteúdos aos materiais de extensão que se pretendem produzir.
- Outros especialistas conforme for apropriado.

Quem deverá liderar?

É recomendável a nomeação de alguém independente como mediador do grupo. O mediador pode trabalhar com um grupo de cerca de 15 pessoas. Em alternativa, a função de mediador pode ser assumida por alguém do grupo ou partilhada por diferentes pessoas. É possível que o mediador tenha um papel muito importante no desenrolar do *write-shop* utilizando o seu conhecimento para questionar os participantes durante o cumprimento da tarefa.

No seguimento deste guia apresentamos um plano de mediação, explicando todas as etapas do “write-shop” do ASHC. Contudo, a própria experiência do ASHC é de que este plano de mediação raramente sobrevive ao primeiro intervalo do “write-shop”, sendo preferível que o mediador mantenha uma postura flexível, que garanta uma grande capacidade de resposta face as oportunidades e constrangimentos emergentes.

1ª sugestão – Não permita que um participante demasiadamente “prestativo” descarrile todo o processo

O objectivo do “write-shop” é questionar a forma como os conhecimentos de MIFS são comunicados.

É, portanto, importante que o mediador não permita que nenhum participante apresente documentos pré-preparados. A edição de um documento pré-preparado, linha-por-linha, como exercício de grupo, é uma tarefa ingrata e ineficiente. O resultado final provavelmente vai traduzir-se num documento mais longo e complexo do que se o mediador tivesse orientado o grupo no sentido de se produzirem esboços “na hora” de material de extensão rural com informação acessível ao agricultor.

O ASHC disponibiliza dois guias para ajudar o mediador e os participantes do “write-shop” a preparar a sessão:

- Como... produzir informação impressa acessível aos agricultores
- Como ...produzir material de extensão para agricultores com baixo nível de alfabetização

O mediador ou o participante poderá utilizar estes guias como apontamentos ou material informativo de base, mas poderá ajustá-los de acordo com as suas necessidades específicas.

Etapa 1: O que significa “acessível aos agricultores”

A primeira etapa consiste em certificar-se de que todos os participantes estão familiarizados com o guia “Como... produzir informação impressa acessível aos agricultores”. Isto porque é importante adoptar uma terminologia acessível aos agricultores desde o início do “write-shop”.

O mediador poderá transformar esta etapa num exercício para a definição de “acessível aos agricultores” que poderá resultar em novas recomendações que podem incluir listas de termos e formas de medição locais.

No Norte do Gana, por exemplo, os participantes sugeriram que a medida de 20 cm fosse substituída por 1 *hangli* (o máximo de distância entre a ponta do polegar e a ponta do dedo médio numa mão estendida). É muito útil organizar discussões sobre os termos e expressões locais dos agricultores a fim de se poder aplicar esta terminologia aos materiais de extensão que se pretendem produzir.

Etapa 2: Descrever o conhecimento actual dos agricultores

Um mapa de actividades agrícolas actuais deverá ser produzido. Para a ASHC o objectivo é a melhoria das práticas agrícolas, tendo por base o papel do MIFS no cumprimento desse objectivo. Assim o primeiro passo é obter informações sobre as principais actividades agrícolas tal como são actualmente empreendidas.

Estas actividades agrícolas podem ser baseadas em conhecimentos culturais, na experiência agrícola dos agricultores e no pragmatismo típico dos agricultores (sentido prático perante situações emergentes). O ASHC inclui também a cadeia de adição de valor do pós-colheita, embora seja discutível se estas actividades ainda fazem parte do MIFS. Estas são incluídas devido ao facto de muitas mulheres estarem envolvidas na fase do pós-colheita e do ASHC ter por objectivo a produção de materiais de extensão rural tão inclusivos quanto possível.

O ASHC dá início a este exercício cobrindo uma parede com papel branco dividido em 10 secções. Neste primeiro exercício, as actividades agrícolas actuais devem ser descritas, preenchendo as 5 primeiras secções.

Cronograma	Pré-sementeira/ plantação	Sementeira/ plantação	Apoio ao crescimentos das culturas/tratos culturais	Colheita	Pós-colheita
Abordagem actual	Preencha estas cinco secções – Tome notas das informações à medida que estas forem surgindo e volte atrás sempre que necessário a fim de garantir que os conteúdos estão completos.				
Tecnologia MIFS					

Este exercício pode ser feito num cavalete vira-folhas (*flipchart*), mas ter toda a informação disponível numa parede tende a facilitar a produção dos esboços para os materiais de extensão rural.

O mediador deve iniciar uma discussão para cada uma destas actividades do calendário agrícola até que se obtenha uma descrição completa.

2ª sugestão – Não permita que um participante demasiadamente “prestativo” descarrile todo o processo

É útil nomear alguém do grupo como secretário para as diferentes etapas. É também aconselhável ir apontando as informações à medida que estas forem surgindo, o que permitirá a distribuição de cópias do mapa de actividades concebido no mesmo “write-shop”, que poderá ajudar os participantes a criar os esboços iniciais dos materiais de extensão.

Assim uma equipa ideal seria composta por:

- Alguém que assuma o papel de mediador – poderá ser útil nomear alguém de posição neutra que possa contribuir com questões frequentes e pertinentes
- Alguém que assuma o papel de secretário
- Alguém que transcreva a informação do papel para uma tabela do Word ou do Excel

Apontamentos tirados com precisão, usando uma terminologia facilmente acessível aos agricultores tornam-se um produto importante deste processo.

O mediador precisa de questionar quaisquer descrições incompletas ou qualquer aspecto que possa não estar explicado de forma suficientemente clara (normalmente devido ao uso excessivo de termos técnico-científicos). Alguns agricultores dependem dos seus filhos menores para lhes lerem as mensagens do material de extensão. É também essencial que o mediador reveja frequentemente os sumários de forma a certificar-se que nenhum aspecto importante foi ignorado ou se encontra incompleto.

Quando se utiliza este mapa de actividades a fim de definir um calendário agrícola, a ASHC sugere que se comece com a data de sementeira/plantação. Todas as datas poderão depois ser atribuídas, somando ou subtraindo dias à data de sementeira/plantação. Esta metodologia permite identificar correlações entre eventos e actividades agrícolas. Por exemplo, muitos dos processos agrícolas são iniciados pela chegada das chuvas, e portanto, este momento poderá ser utilizado como um ponto de partida para a calendarização de actividades agrícolas.

O ASHC sugere que se utilize apenas uma unidade de medida de tempo - x dias após emergência ou x dias após a plantação, ou seja escolhendo um ponto de referência e medindo o tempo sempre a partir desse momento. Este ponto de referência pode ser utilizado para calendarizar todas as actividades agrícolas. Outros parceiros poderão, contudo, preferir descrever o passar do tempo utilizando o intervalo de dias entre as actividades agrícolas consecutivas.

Etapa 3: Mapa de actividades do MIFS (e outras tecnologias) para o aumento da produtividade e do rendimento económico dos pequenos agricultores.

<i>Cronograma</i>	<i>Pré-sementeira/ plantação</i>	<i>Sementeira/ plantação</i>	<i>Apoio ao crescimentos das culturas/tratos culturais</i>	<i>Colheita</i>	<i>Pós-colheita</i>
Abordagem actual	Hábitos e práticas locais & calendarização das actividades da pré-sementeira/plantação	Hábitos e práticas locais & calendarização das actividades da sementeira/plantação	Hábitos e práticas locais & calendarização das actividades de apoio ao crescimento das culturas	Hábitos e práticas locais & calendarização das actividades de colheita	Hábitos e práticas locais & calendarização das actividades da pós-colheita
Tecnologia MIFS	É agora altura de preencher estas secções.				

É agora a altura de descrever todas as práticas melhoradas que se pretendem recomendar. Mais uma vez é importante reforçar a ideia da necessidade de utilizar termos e expressões facilmente acessíveis aos agricultores. É também importante certificar-se de que quaisquer riscos e informações económicas são claramente descritas utilizando termos que os agricultores possam facilmente compreender.

Pequenos agricultores podem não conseguir enfrentar os riscos envolvidos, portanto apenas tecnologias completamente comprovadas devem ser disseminadas através das mensagens de extensão rural a fim de conseguir a sua expansão tecnológica.

Quando os benefícios das práticas melhoradas forem descritos, é importante manter uma postura cautelosa e ponderada, utilizando os valores médios obtidos pelos agricultores e não os valores máximos atingidos nos ensaios de investigação. O ASHC também aconselha a que se descrevam opções possíveis em vez de se prescreverem directrizes de uma forma excessivamente normativa. Contudo, esta postura da ASHC pode ser difícil de manter em contextos de baixo nível de alfabetização dos agricultores.

<i>Cronograma</i>	<i>Pré-sementeira/ plantação</i>	<i>Sementeira/ plantação</i>	<i>Apoio ao crescimentos das culturas/tratos culturais</i>	<i>Colheita</i>	<i>Pós-colheita</i>
Abordagem actual	Hábitos e práticas locais & calendarização das actividades da pré-sementeira/plantação	Hábitos e práticas locais & calendarização das actividades da sementeira/plantação	Hábitos e práticas locais & calendarização das actividades de apoio ao crescimento das culturas	Hábitos e práticas locais & calendarização das actividades de colheita	Hábitos e práticas locais & calendarização das actividades da pós-colheita
Nova tecnologia	Práticas melhoradas de MIFS				
Atitudes e comportamentos – mudanças decisivas e desejáveis	É altura de pensar quais os aspectos que precisam ser abordados nas mensagens de extensão rural! É preciso reflectir em termos de mudanças decisivas versus mudanças desejáveis a fim de priorizar os conteúdos das mensagens de forma a que estes se limitem ao espaço editorial e ao tempo de transmissão atribuídos.				

Etapa 4: Reflexão sobre os aspectos culturais e socio-economicos afectados pela nova tecnologia

É útil tomar nota de quaisquer comportamentos e atitudes que precisem de ser desencorajados. Por exemplo, no norte do Gana, os jovens tendem a queimar o restolho como um método de caça, de forma de dispersar pequenos animais desejados pela sua carne.

Esta é uma prática cultural que contribui a segurança alimentar no curto prazo. Contudo, o impacto desta prática no longo prazo é a perda de matéria orgânica e a destruição de microorganismos, levando à degradação do solo. Esta é uma prática cultural e não uma prática agrícola, o que torna ainda mais difícil o seu desencorajamento.

Etapa 5: Quais os benefícios para o pequeno agricultor?

Na etapa 3 os impactos de cada uma das novas tecnologias recomendadas terão sido descritos de uma forma honesta, cautelosa e ponderada. O próximo passo é encontrar formas de salientar estes benefícios com argumentos mais directamente relevantes e acessíveis para o agricultor.

Os benefícios podem incluir melhoramentos directos no rendimento (maior entrada de dinheiro), aumento do poder económico e da segurança alimentar bem como benefícios menos tangíveis tais como uma melhoria da posição social do agricultor na comunidade, por ser proprietário de uma exploração agrícola que outros passam a admirar.

Devem ser salientados os benefícios para o indivíduo (duplique o seu rendimento em milho), em vez de se salientarem os benefícios para a nação (tais como ajudar o país a tornar-se auto-suficiente na produção de milho). Objectivos nacionais raramente conseguem motivar mudanças de comportamento.

O agricultor deverá ser informado da susceptibilidade da nova tecnologia à seca, às pestes e doenças, à instabilidade dos mercados e a outros factores de riscos. Certifique-se que está a promover uma tecnologia de benefícios já comprovados e que detêm informações quantitativas que suportem as suas recomendações.

Deve considerar produzir um análise simples de custo/benefício que descreva os custos adicionais da tecnologia e estime de forma quantitativa o benefício médio para o agricultor. Alguns projectos mostram relutância em partilhar esta informação por temerem que os resultados obtidos (normalmente em ensaios) não se verifiquem nas condições de campo dos agricultores. Contudo, sem esta informação económica, os agricultores não poderão tomar decisões bem fundamentadas.

Se se identificarem práticas agrícolas ou culturais nefastas, deverá pensar-se em formas de reforçar as mensagens, através da explicação dos benefícios associados à mudança dessas práticas.

Etapa 6: Que constrangimentos podem limitar a adopção da nova tecnologia?

Constrangimentos podem incluir os factores de produção agrícola e os equipamentos necessários (tempo/trabalho, fertilizantes, sementes e ferramentas agrícolas).

Poderá ser necessário abordar as questões que surgem devido a estes constrangimentos. Outro tipo de constrangimento significativo é a existência de mitos e medos resultantes da falta de informação. Por exemplo, o medo de que os fertilizantes possam “envenenar” o solo encontra-se profundamente enraizado em muitas comunidades.

Etapa 7: Determine qual a melhor mensagem para o pequeno agricultor

A próxima etapa do “write-shop” é chegar a um acordo sobre quais as actividades agrícolas que devem ser incluídas na comunicação. Este é um momento de avaliação e decisão. Os agricultores vão gostar de reconhecer actividades agrícolas com as quais estão familiarizados, sentimento este que poderá aumentar a credibilidade e aceitação do material de extensão rural. Mas, em prol da simplicidade de conteúdos, pode não ser possível descrever todos as actividades.

Para agricultores com baixo nível de alfabetização, cada actividade chave deverá ser acompanhada de uma fotografia ou gráfico. As imagens facilitam a compreensão das ideias às pessoas com baixo nível de escolaridade e ajudam a consolidar ideias na memória quando o texto não é bem entendido ou não pode ser lido. Certifique-se que só usa abreviaturas no caso de organizações e variedades culturais bem conhecidas e nunca no caso de processos tais como a “fixação biológica de nitrogénio (FBN)”, mesmo quando estes tenham sido explicados anteriormente.

A lógica subjacente à mensagem é a seguinte:

Imagem + descrição simples do processo + descrição simples do benefício.

É importante produzir títulos que salientem os benefícios globais.

Por exemplo:

“10 técnicas para duplicar a sua colheita em soja e melhorar o seu solo”

em vez de:

“A utilização de Rhizobium para aumentar a sua colheita de soja e fomentar a FBN”

Etapa 8: Esboços iniciais do material de extensão rural

Antes de começar a fazer os esboços, poderá ser útil rever os conteúdos do guia “Como....produzir um plano de disseminação e expansão de tecnologias de MIFS”.

Lista de recomendações

- Demonstre respeito e sensibilidade pela cultura do seu público alvo
- Certifique-se que conhece o grau médio de alfabetização do seu público alvo
- Certifique-se que a sua mensagem é fácil de ler/ compreender e implementar
- Saliente os benefícios para o indivíduo e sua família
- Evite usar termos técnico-científicos sem necessidade
- Partilhe apenas a informação relevante para os agricultores
- Escolha imagens facilmente compreendidas pelos agricultores
- Quando usar fotografias, adicione legendas com a identificação dos agricultores envolvidos
- Crie um fluxo lógico de informação, em que as actividades são expostas, de forma sequenciada.
- Evite o uso de termos ambíguos
- Tenha por objectivo ajudar os agricultores a tomarem decisões economicamente bem fundamentadas sobre a aplicação da nova tecnologia
- Pressuponha que o agricultor irá inicialmente experimentar a tecnologia numa pequena área da sua exploração, como se fosse um ensaio no seu campo
- Seja honesto, cauteloso e ponderado
- Inclua aconselhamento para as fases da colheita e pós-colheita para que os benefícios se possam espalhar a todos os grupos da cadeia de valor.
- Poderá incluir contactos úteis directamente no material de extensão ou deixar um espaço em branco onde contactos úteis possam ser adicionados: é melhor fornecer informação adicionada a caneta mas correcta do que informação impressa mas errada